



ENCICLOPÉDIA
MULHERES NA FILOSOFIA



Blogs Unicamp

Maria Firmina dos Reis

Ingrid Meurer

Edição eletrônica

URL:

ISSN: 2526-6187

Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 4, 2024, pp. 1-25.

Maria Firmina dos Reis

(1822? - 1917)

Ingrid Meurer, mestra em Filosofia pela UFSC.
Foi integrante do Projeto “Uma Filósofa por Mês”/UFSC - [Lattes](#)

Maria Firmina dos Reis nasceu na cidade de São Luís do Maranhão no dia 11 de março de 1822 e faleceu em Guimarães, estado do Maranhão, em 11 de novembro de 1917, aos 95 anos. Foi escritora, professora, jornalista, poeta, pensadora e compositora. É importante destacar desde já que há muitas informações desencontradas na literatura a seu respeito. Encontramos fragmentos nos quais há contradições sobre sua data de nascimento, nome dos pais, sua etnia e a de seus pais, o tipo de educação a que teve acesso, sua proximidade com Francisco Sotero dos Reis, entre outras. Logo, as informações contidas aqui são aquelas que aparecem com maior recorrência e que até agora não foram contestadas. Tendo em vista as diferentes versões, suas informações pessoais serão retomadas também ao longo do texto.

Reis, filha bastarda, nasceu em uma família de poucas posses e viveu a maior parte de sua vida com sua família extensa. Ela foi batizada em 21 de dezembro de 1825, onde consta a informação de que era filha natural de Leonor Felippa dos Reis, estando ausente o nome do pai (Adler, 2017 *apud* Liteafro, 2020). Em Moraes Filho (1975 *apud* Zin, 2019, p. 23) e Machado (2019, p. 94), consta a informação de que seus pais seriam, na verdade, Leonor Felipe dos Reis e João Pedro Esteves. Há tanto informação no sentido de que sua mãe seria uma escrava liberta, “preta forra, ex-escrava de Caetano José Teixeira” (*idem*, p. 95), como de que ela seria “branca ou branca da terra” (*ibidem*); sobre seu pai o mesmo acontece e alguns autores sugerem que ele era branco e outros que ele seria negro (*ibidem*). Sua família era “bem colocada socialmente, embora não particularmente rica” (*ibidem*). Aos cinco anos teria ficado órfã, e então se mudado para a casa de sua tia no município de Viamão, no Maranhão, acontecimento que teria sido fundamental para sua formação (Mott, 1988 *apud* Liteafro, 2020).

Ao que parece, não recebeu educação formal, considerando que na época a educação de meninas era muito precária e voltada para “deveres femininos”, sendo a educação formal reservada apenas (ou quase que exclusivamente) para meninos de classes sociais mais altas, do que prossegue, ademais, que não havia escolas mistas. Assim, há

duas versões gerais sobre como ocorreu sua formação. Uma delas é a de que Reis teria sido autodidata. Interessada desde sempre em leitura, lia tudo a que tinha acesso, tornando-se, eventualmente, conhecedora da literatura nacional, de disciplinas básicas da educação primária e das línguas portuguesa e francesa. Ainda nesta linha, ela teria sido “educada em casa e com acesso limitado a livros” (Machado, 2019, p. 98). Diferente desta versão, consta no texto de Pinto-Bailey (2017) que um de seus primos seria Francisco dos Reis, e que este teria auxiliado na aprendizagem, bem como sua tia, que possuiria mais recursos e, portanto, teria sido capaz de prover melhores condições; esta segunda parte, porém, não foi confirmada pela autora do texto.

De qualquer maneira, mais tarde, tornar-se-ia professora:

Em 1847, com vinte e cinco anos, Reis vence concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães-MA, conforme registra seu biógrafo Nascimento Morais Filho (1975). E, ainda segundo este autor, ao se aposentar, no início da década de 1880, teria fundado, na localidade de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do País (Liteafro, 2020, s. p.).

Uma vez que feria os costumes da época, tal escola se tornou um escândalo, de modo que pouco mais de dois anos depois, teve que ser fechada. Trabalhou por muitos anos com o magistério, o qual lhe conferiu o título de “Mestra Régia”. Sobre a sua vida pessoal, sabe-se que Reis nunca se casou e não teve filhos biológicos, ainda que tenha adotado ou contribuído para a criação de mais de dez filhos adotivos. No final de sua vida, vivia com uma amiga, que era escrava liberta, e um de seus filhos adotivos, Leude Guimarães. Faleceu pobre e cega.

Com o rastro dos fragmentos que surgem sobre Reis, dentre estes os publicados por Nascimento de Morais Filho, Pinto-Bailey (2017, s. p.) informa o seguinte: “Maria Firmina, afro-descendente pelo lado materno, filha bastarda, foi criada pela mãe na casa da avó materna, junto com uma irmã. A família era de poucos recursos e mais tarde [ela] foi viver na casa de uma tia”. A autora assinala, sobre Reis, que ela seria uma

mulher ao mesmo tempo reservada e ousada; reservada quanto à sua vida íntima, ousada e decidida quanto ao seu trabalho intelectual, já seja como educadora, já como literata. Vivendo num ambiente em que a educação feminina era bastante restrita e mesmo ‘precária’ [...], Maria Firmina parece ter sido autodidata, e sua formação intelectual deve-se principalmente ao próprio empenho (Pinto-Bailey, 2017, s.p.).

Ao contrário disso, Zin (2019, p. 23) assinala que Reis recebeu ajuda de Francisco Sotero dos Reis na sua educação, este que era jornalista, escritor e gramático. Ele teria sido

o membro mais famoso da família (Morais Filho, 1975 *apud* Machado, 2019, p. 95), considerando que Reis foi reconhecida mais tardiamente. Pinto-Bailey (2017, s. p., *apud* Duarte, 2004) e Zin (2019) concordam, no entanto, que há algumas coincidências, como o fato de que em período próximo (entre 1861 e 1863) a mesma editora, O Progresso, tenha impresso obras de ambos. Ademais, a informação de que eles eram primos é dada por Duarte (2004) e aparece também em Nascimento (2017).

Maria Firmina dos Reis escreveu *Úrsula* (1859), romance abolicionista; *Gupeva* (1861/1863), romance indianista publicado em folhetim e depois em volume; *Cantos à Beira Mar* (1871), livro de poemas, “em que incluiu poemas dedicados à mãe e à irmã, poemas de amor, e poemas abolicionistas e patrióticos sobre a Guerra do Paraguai” (Pinto-Bailey, 2017, s. p.); *A Escrava* (1887), conto abolicionista.

Durante a sua vida, para além de suas atividades de professora de escola pública, ela também escreveu e publicou poemas, crônicas, ficção e romances; ela sempre estava lecionando, pesquisando e escrevendo. Enquanto pesquisadora, ela reuniu e escreveu textos oriundos da tradição literária oral, como modo de preservá-la. Ela escreveu para jornais literários tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, etc., publicando também charadas e enigmas. Como compositora, ela compôs o Hino da libertação dos escravos, em 1888, criando tanto a composição como a letra. Ademais, ela compôs músicas folclóricas destinadas a eventos populares, como o *Bumba meu boi*; algumas valsas, como *Rosinha*, e pastorais, a exemplo de *Estrela do Oriente* (Meurer, 2022, p. 25).

Escreveu inclusive um *Álbum*, forma de diário autobiográfico que nas suas 28 páginas cobriu relatos de eventos entre 1853 e 1903. Este foi mais tarde publicado por Morais Filho, após revisão de Leude Guimarães, um dos afilhados de Reis (Machado, 2019, p. 99). Diante do exposto conclui-se que, “faltando-lhe recursos e contatos familiares, isolada em uma vila interiorana” (Machado, 2019, p. 99), tudo o que fez há de ter sido “fruto de uma enorme resiliência e decisão pessoal” (*idem*, pp. 98-9).

O romance *Úrsula* e o pensamento firminiano, uma rara visão de liberdade

Úrsula é uma das obras mais importantes da autora. Romance abolicionista publicado em 1859, empregou o formato de romance de folhetim para falar sobre as injustiças pelas quais passavam negros e mulheres na sociedade brasileira patriarcal e escravista do século XIX. Em resumo,

[c]ombinava um enredo ultrarromântico, centrado num par trágico de jovens brancos enamorados, com uma abordagem crítica à escravidão e à sociedade escravista e patriarcal, além de pôr em relevo personagens africanos e afro-brasileiros escravizados que refletiam sobre o mundo que os rodeava de injustiças, sobre a tirania das relações escravistas e sobre suas próprias histórias (Machado, 2018, p. 8).

A história do par trágico, Tancredo e Úrsula, é envolvida pelas experiências dos personagens negros Susana e Túlio, e estes então vêm a assumir o protagonismo narrativo. Reis inovou de diversas formas com a publicação de *Úrsula*.

O livro foi publicado em 1859 e a autora tornou-se conhecida na época, mas é necessário destacar que houve um hiato da publicação à atualidade, tendo o romance permanecido “esquecido” durante quase um século (Duarte, 2020, p. 85). Como comentadores(as) muito bem apontam, o fato de ser um romance abolicionista e escrito por uma mulher colaborou para este fato: uma amnésia seletiva. Foi em 1962, no Rio de Janeiro, que Horácio de Almeida, pesquisador e bibliógrafo, ao comprar um lote de livros usados, encontrou um

volume pequeno, com uma capa na qual se lia: ‘Ursula/ Romance Original Brasileiro/Por Uma Maranhense/San’ Luis/Na Typographia do Progresso/Rua Sant’Anna, 49 - 1859’. Intrigado por este livro anônimo, ele fez uma pesquisa para se descobrir a identidade do autor. Com auxílio do dicionário chamado ‘Dicionário bibliográfico brasileiro’, escrito por Sacramento Blake (1900), ele o pôde localizar. Logo ele percebeu que estava diante de um livro precioso, e passou a trabalhar com ele. A segunda edição foi resultado da digitalização desse livro (um fac-símile), e foi publicada em 1975, com um prefácio escrito por de Almeida. Isto foi feito com subsídio do Estado do Maranhão, afim de se comemorar o aniversário de 150 anos de Firmina [...]. Neste mesmo ano, outra importante obra foi publicada, ‘Maria Firmina: fragmentos de uma vida’, escrita pelo historiador José Nascimento Morais Filho [...]. Este livro é uma das mais relevantes referências sobre a vida de Firmina. Depois da descoberta deste livro, vários estudos sobre Firmina têm sido realizados, e desde os anos 2000, têm sido feitos nas universidades, em áreas como a literatura, história, ciências sociais, e mais recentemente, na filosofia (Meurer, 2022, p. 28).

Retornando ao período da publicação de *Úrsula*, faz-se mister ressaltar que seu nome não estava contido na capa; ao contrário, constava apenas “Uma maranhense”. A isso soma-se o tratamento, a comparação feita de um romance com um filho que, como destaca Pinto-Bailey (2017, s.p.), “não é por acaso, pois a própria autora assim se refere ao seu primeiro livro no ‘Prólogo’ que escreve: como um filho por quem nutre um ‘amor materno’ e, portanto, perdoa nele — no romance — todas as falhas e limitações frente às quais o público e os críticos talvez não fossem tão generosos”. Ela estava consciente da

possível recepção vexatória que receberia por ser uma mulher publicando um romance, e ainda mais um romance abolicionista, de modo que ela necessitava de alguma estratégia para “fazer o livro passar” e ser aceito. “Não era raro que um romance escrito por uma mulher fosse publicado de forma anônima ou por meio de um pseudônimo [masculino]; estas eram estratégias recorrentes empregadas por mulheres escritoras” (Machado, 2018 *apud* Meurer, 2022, p. 18). Assim, tratava-se de uma estratégia (Oliveira, 2007, p. 20), de “uma falsa modéstia feminina”: “A atitude da autora não é inusitada entre escritoras do oitocentos e mesmo das primeiras décadas do século vinte” (Pinto-Bailey, 2017, s.p.). A escrita por si só é um ato de transgressão, ainda mais de uma mulher negra subalternizada como Reis (Alós & Andreta, 2016, p. 188); isso implica, conforme Norma Telles, “uma revisão do processo de socialização” (1987 *apud* Alós & Andreta, 2016), além de constituir um processo de revisão da cultura e de contraprodução combativa muitas vezes às avessas do discurso hegemônico, um ato de emancipação (Machado, 2018, p. 93).

Àquelas estratégias expostas acima — anonimidade do livro e tratamento filial — acrescentam-se outras duas: a escolha pelo formato de romance de folhetim (*roman feuilleton*) e o apelo e “identificação dos leitores à caracterização cuidadosa dos personagens” (Pinto-Bailey, 2017, s. p.). A escolha pelo estilo do romance de folhetim é proposital, por ser palatável e acessível aos leitores, de modo que ela pôde empregá-la como ferramenta de denúncia dos oprimidos. Por ser muito popular na época, costumava ser bem recebido e muito lido, de maneira que facilitava a transmissão das ideias abolicionistas (objetivo de Reis), ao mesmo tempo que também demonstra o conhecimento de Reis sobre a literatura da época. Já sobre esta referida identificação entre leitores e personagens, o que podemos notar é a existência de um eu-nós que permeia a narrativa: um eu (personagem) que fala por toda uma classe ou categoria de pessoas; um eu que apela ao coletivo (nós) e, portanto, chama à reflexão; um eu que remete, inclusive, a uma possibilidade de um coletivo harmônico baseado “mais precisamente no mandamento do amor ao próximo” (Pinto-Bailey, 2017, s. p.). Através de Susana, em especial, “sobressai de imediato a postura de sujeito de rememoração, na qual o pessoal se irmana ao coletivo. É o discurso do Outro fazendo ouvir a fala dos escravizados” (Duarte, 2018, p. 233)

Mesmo diante de todas essas limitações, Reis inovou ao publicar a obra. Com *Úrsula* vindo a lume em 1859, ela se tornou a autora da primeira obra abolicionista na literatura brasileira, e “salvo engano, a primeira mulher a publicar um romance abolicionista em português e a primeira mulher afrodescendente a publicar um romance em toda a América Latina” (Duarte, 2020, p. 85). Portanto, nota-se que, com a publicação de

Úrsula, ela funda a literatura afro-brasileira (Duarte, 2000 & Ferreira, 2012 *apud* Machado, 2019, p. 93). Nísia Floresta (1810-1885), outra filósofa e escritora brasileira, também denunciou a escravidão, porém não chegou a escrever romance (Duarte, 2020), ainda que em Duarte (2018, p. 226) conste informação em sentido contrário.

A inovação não para aí. Especialmente a partir de *Úrsula* e do conto *A Escrava*, podemos destacar que Reis “colocou-se na contramão do discurso dominante da época, merecendo destaque sua narrativa abolicionista [...]. [Ela] foi uma escritora e intelectual ‘na contramão’ do discurso hegemônico nacional, registrado tanto na literatura de ficção como na literatura política da época” (Pinto-Bailey, 2017, s. p.). Estas obras denunciavam a situação a que estavam submetidos os negros no século XIX, ao mesmo tempo em que elas não lhes atribuíam características bestiais e tampouco condescendentes, próprias daquele discurso. Ademais, tem-se que este abolicionismo não é separado daquilo que hoje chamamos de pensamento interseccional, assim como propõe soluções políticas, como veremos a seguir.

Apesar de o romance *Úrsula* ser mais explícito quanto ao pensamento interseccional — em que patriarcalismo e racismo se entrelaçam — de Reis, o conto *A Escrava* também faz referência a isto (Alós & Andreta, 2016, p. 184) e deixa claro o discurso abolicionista da autora. Assim, autores(as) destacam que as obras firminianas devem ser lidas em conjunto. Nas obras firminianas, vemos que se sobressai a condição da maternidade (Silva, 2013, p. 117): a mãe plena de felicidade e a mater dolorosa. O segundo caso vemos com a personagem Joana, na separação forçada de mães e filhos, do sofrimento e da loucura resultante deste, como também da total abnegação e amor incondicional (Silva, 2013 *apud* Alós & Andreta, 2016, p. 192). Em contrapartida, o primeiro tipo (mãe plena de felicidade) se refere à maternidade gozada na sua plena liberdade, tal como era o caso de Susana em África. Isso porque as opressões de raça e gênero também se perfazem no exercício da maternidade: tendo as escravas vivenciado a maternidade “na distância e no abandono”, elas foram igualmente “exploradas em suas capacidades de fertilidade e amamentação” (Luna & Silva, 2012 *apud* Alós & Andreta, 2016, p. 193). A morte como único consolo — que aparece tanto em *Úrsula* como em *A Escrava* — seria a única forma de se escapar do sofrimento, isto ou fuga ou a loucura, todas mortes, portanto. Será que a loucura seria, então, a prova cabal de que “a mente ninguém pode escravizar”? (Reis, 2018).

Como visto, com *Úrsula*, Reis é inovadora de várias formas, especialmente porque, ao escrever sobre o tema, ela “assumiu a perspectiva dos escravizados e então escapou dos

estereótipos derivados da mentalidade escravagista” (Duarte, 2020, p. 85). Ao fazê-lo, “ela aproximou-se mais de escritos de autoras negras publicados na Inglaterra e nos Estados Unidos do que daqueles de suas colegas brancas na América Latina” (*ibidem*), pelo forte caráter autobiográfico. Inclusive, podemos comparar *Úrsula* a outra obra abolicionista bastante conhecida da época, se bem que de veras problemática: *A Cabana do Pai Tomás*, escrita por Harriet Beecher Stowe em 1851. Destaca Duarte (2020, p. 86) que a obra de Stowe tem um tom idealizado da escravidão, no qual os personagens escravizados meramente aceitam ou não contestam sua condição. Assim, na época em que Reis escrevia, surgiam nas Américas e no hemisfério norte vários escritos abolicionistas, inclusive de mulheres negras, alguns no formato de autobiografia ou outros no formato de ficção. Aqui, no entanto, “se muitos críticos afirmam que a literatura abolicionista no Brasil foi bastante esparsa, quando Maria Firmina dos Reis publica seu romance, ela é na verdade praticamente inexistente” (Pinto-Bailey, 2017, s.p.). Inclusive, autores ressaltam que “o Brasil possui uma literatura abolicionista muito peculiar, que se caracterizava [...] por ter surgido tardiamente” (Machado, 2019, p. 94).

Além de semelhanças com obras de autoras negras do eixo norte, e algumas pontes (e distanciamentos) com a literatura nacional, também

a autora maranhense aproxima-se de outras autoras latino-americanas do mesmo período. Estas escritoras coincidem em vários pontos: primeiramente, no uso da narrativa de ficção como instrumento de intervenção política; segundo, ao tecerem um enredo ideologicamente subversivo dentro de um outro enredo de estrutura e temática claramente sentimental, ou seja, de ampla aceitação pelo público leitor da época, jogando as escritoras com as convenções sociais e literárias do Romantismo (Pinto-Bailey, 2017, s.p.).

Estas autoras seriam Gertrudis Gómez de Avellaneda, cubana, e Clorinda Matto de Turner, peruana.

Úrsula inova igualmente ao retratar, pela primeira vez na literatura brasileira, a captura e escravização de africanos (Duarte, 2020, p. 94). Com isso, África também é retratada, de forma inaugural, como lugar de civilização, onde há, para além de conceitos, a existência concreta de sociedade, de país, de família, amizade, natureza e harmonia. Em contraste, pela primeira vez, outro espaço é retratado: o navio negreiro, com todas as atrocidades que ali aconteciam, vem a ser lugar de memória e de resistência. “Ao nomear o porão de sepultura, o texto de Maria Firmina ecoa a designação de ‘túmulo’ para o navio utilizado na condução da ‘mercadoria humana’” (Duarte, 2018, p. 232). Nesta parte, Reis

opta pela escrita realista, para que transpareça, de modo inequívoco, que tratava-se de uma situação real.

Neste contexto que permeava escritos abolicionistas, argumenta Duarte (2020, pp. 87 e ss.) que haveria duas racionalidades: uma que foi empregada pelos colonizadores e para servir a este mesmo propósito (chamada por Achille Mbembe de “*black reason*”) — em que pessoas negras eram vistas como subcategorias de seres humanos —, e outra (“*new black reason*”), escrita pelos negros — com o objetivo de desfazer e por abaixo as matizes racistas e suas variantes e também de fortalecimento e resgate da cultura negra, a partir da experiência da diáspora africana. Estas seriam como grandes narrativas (ou metanarrativas) que permeavam os escritos, sejam científicos ou literários, e atitudes políticas dos variados agentes. Nesse sentido, é importante destacar que mesmo obras de cunho abolicionista possuíam ou podiam fazer alusões mascaradas à primeira razão. Daí que na literatura sobre Reis, autores(as) tenham apontado para a sua inovação, isto é, como escreve Pinto-Bailey (2017), ela estava na contramão, ao apresentar uma narrativa abolicionista — e eu acrescento aqui — da nova razão (ou racionalidade) negra.

Nesta senda, Reis procurou evitar estes estereótipos que eram associados às pessoas negras. Um dos referidos estereótipos que faziam alusão ao primeiro tipo de racionalidade, além do negro perigoso ou do “mito do estuprador negro” (Davis, 2016), é o da mulata sensual, presente na literatura nacional (mesmo na abolicionista), como nas personagens de Vidinha e Rosa, das obras *Memórias de um sargento de Milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida, e *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. Também constam os estereótipos da figura do *bon nègre* (Muzart, 2013), “a escrava branca bela e pura, o moleque esperto, o escravo violento e vingativo ou o escravo, e mais ainda, a mãe escrava, sofredora” (Haberly, 1972; & Sayers, 1958 *apud* Machado, 2019, p. 94).

Além da obra de Stowe, compare-se *Úrsula*, por exemplo, com outra da literatura nacional, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a partir da cena em que Prudêncio serve de “cavalinho” para o herdeiro do mestre da casa. Nesse sentido, Duarte (2020, p. 94) argumenta que, ao contrário das sutilezas do discurso de Machado de Assis, Reis “adota um discurso diferente, mais direto”. Ela não titubeia ao chamar de bárbaros, por meio de Susana, todos aqueles que participaram da captura e transporte da personagem. Reis inverte esta lógica, a lógica da escravização e colonização com propósitos civilizatórios-morais: “bárbaro é aquele que rapta... bárbaro é aquele que escraviza” (*ibidem*).

Para deixar ainda mais claro, na razão colonial negra, através das várias narrativas místicas, filosóficas e científicas, a “pessoa negra”, enquanto conceito, foi criada visando a sua exploração (Duarte, 2020, p. 88). Com isso, estabelecia-se um “paradigma de sujeição” no qual, uma vez naturalizado e absorvido (internalizado), gerava um “permanente atributo de inferioridade”, tendo por base a ideia de “raça”. Como vemos em vários momentos históricos e em diversas construções filosóficas, também com o negro temos a construção do outro: um outro ameaçador, selvagem, sem cultura, a ser repudiado, vigiado e encarcerado. Assim, esta razão foi usada na expansão colonial, a qual, como se sabe, teve o respaldo da Igreja Católica. A partir disso, Reis denuncia a hipocrisia da Igreja, ao ter “financiado” a expansão colonial e a escravidão (Duarte, 2020, p. 89). Ela o faz através de inúmeras referências à religião católica pelas personagens, incluindo-se as escravizadas, e das contradições que daí surgem, como a amizade de Fernando P. com o padre (Reis, 2018, cap. XVI). Ademais, Reis apela ao público leitor para questionar a fé que deposita nesta instituição.

Maria Firmina dos Reis não condena a escravidão tão somente porque uma ou mais (ou todas) as personagens escravizadas são benevolentes ou têm um caráter nobre, mas sim porque “[é] um sistema que desafia a religião e a moralidade” (Duarte, 2020, p. 90). Ademais, a autora não apela para uma narrativa inocente de perfectibilidade (ou maniqueísmo moral) em função da raça, o que fica claro pelas atitudes ingênuas de Túlio e o vício (alcoolismo) de Antero (Duarte, 2020, pp. 98-9; Reis, 2018, cap. XVIII). Na verdade, esse recurso argumentativo confere um caráter mais fidedigno à história e, além disso, é algo que contribui para a aceitabilidade da obra pelo público leitor. Nesse sentido, a identificação com um personagem branco, Tancredo, é estratégica. Tancredo, homem branco de classe abastada, “é o jovem e sensível homem branco — o ideal de um novo homem, para uma nova sociedade — o qual encontra [em Túlio] nada menos do que um *modelo de virtude*” (Duarte, 2020, p. 91).

Por outro lado, o reconhecimento das virtudes de Túlio e de mãe Susana é parte contínua da investida contra a razão negra hegemônica da época. Em contraposição a esta narrativa que permeava mesmo os escritos abolicionistas, nos quais ocorria que “esses autores [...] mostravam-se contra a escravidão e contra o escravo” e defendiam “a abolição da escravidão não pela injustiça e crueldade para com o negro e sim porque a escravidão representaria a *corrupção* da família branca brasileira” (Pinto-Bailey, 2017, s.p.), Reis “assume uma auto-identificação como afrodescendente” e “vai mais além, ao conferir ao

negro o estatuto de sujeito do discurso” (*ibidem*). Assim, “no discurso onisciente, o negro é, pois, *parâmetro de elevação moral*” (Duarte, 2018, p. 227).

Autores(as) também discutem sobre o potencial de *Úrsula*, ou melhor, da escrita de Reis, para a mudança política (Meurer, 2021; 2023). Pinto-Bailey (2017, s. p.) assinala que a obra por si não dá uma resposta satisfatória quanto ao que fazer; “a única solução concreta para [...] [a] escravidão, em *Úrsula*, é a alforria de um escravo em particular, Túlio, pelo herói branco”. De qualquer maneira, Susana, na conversa com Túlio, ainda mais se a considerarmos como o alter ego de Reis (Duarte, 2020, p. 101; 2018, p. 234), vai refletir o que pensa a autora sobre a alforria: trata-se apenas de um passo — ou ainda, uma ilusão —, algo que não é capaz de conferir a real liberdade aos negros, uma vez que a liberdade real não é possível em terras escravocratas. O mesmo pode ser auferido quando da entrega da falsa carta de alforria ao pai de Joana, em *A Escrava* (Alós & Andreta, 2016, p. 194). Disso podemos concluir que, ainda que o romance não seja um tratado filosófico sobre o tema, a literatura da obra serve para fazer com que os(as) leitores(as) reflitam sobre estas injustiças, e inclusive sobre suas próprias ações individuais. Esse propósito de denúncia, no entanto, é muito bem realizado por Reis.

Reis é tida como filósofa por meio de seu potencial filosófico, entre filosofia e literatura, ainda que possamos debater seu pensamento interseccional — uma vez que seria um debate anacrônico. A este respeito, destaca Duarte (2018, p. 223) que Reis apresenta “patriarcado e escravidão como faces da mesma moeda”. Historicamente, patriarcalismo e racismo “científico” ocorreram de forma simultânea e retroalimentar, de modo a permitir a expansão colonial e a acumulação primitiva, como vemos em Federici (2017). Isto é precisamente o que vemos na obra firminiana ao retratar a condição a que estava submetida Susana, mas também no enredo que envolve Túlio, Úrsula e Luisa B. O romance *Úrsula*, neste sentido, é o que melhor explicita este entrelaçamento (*idem*, p. 226). Vemos o mesmo na figura de Fernando P. “Maria Firmina constrói uma trama em que o poder hediondo do senhor se abate sobre todos e não poupa ninguém: a mulher, o escravizado, e até o próprio herdeiro” (*idem*, p. 229).

Firmina filósofa

Por fim, necessita-se reforçar que a confirmação de Reis enquanto filósofa não é tão somente apropriada mas uma questão de justiça filosófica (Wuensch, 2021). Como outros filósofos(as), Reis é filósofa por meio da literatura, sem que aqui haja uma amálgama entre

ambas. Filosofia política e literatura se entrelaçam, bem como teoria e práxis. É evidente que ela não dispunha de acesso à educação formal, tampouco poderia vir a se tornar uma filósofa acadêmica/universitária, o que evidentemente não diminui o seu mérito. A sua escrita foi, assim, estratégica e singular.

Reis era seguidora do cristianismo — conforme informações sobre seu batismo — e a princípio era católica, ainda que criticasse esta doutrina. Posicionava-se contra a escravidão e a sociedade patriarcal, bem como o machismo e o racismo presente nesta, tendo por forma de ativismo a palavra escrita, composições musicais e a educação primária. Como afirma Zin (2019, p. 2; grifo nosso): “Trata-se, sem dúvida, de incluir a produção literária de Maria Firmina dos Reis e o percurso de sua vida na perspectiva da *arte como forma de resistência*, além da *arte como forma de conhecimento*”.

Uma vez que este verbete tem por objetivo contribuir para o debate de Maria Firmina dos Reis como filósofa, leva-se em conta esta particularidade, já que parece não ser tão simples apontar as suas influências filosóficas, ainda que possamos discutir suas possíveis influências literárias. Neste texto, vimos algumas proximidades com autores(as) da literatura nacional e estrangeira. Como apontado acima, Reis utilizou-se da palavra escrita como instrumento de transformação social no combate ao racismo, patriarcalismo e escravidão. Ela escreveu poemas, contos, um romance; escreveu também para jornais, textos os quais foram publicados em vida e fizeram com que ela se tornasse conhecida ao menos localmente. Até o momento, reconhece-se Reis como escritora, educadora e pensadora e, como argumento neste verbete, como filósofa.

Para que possamos conhecer a filósofa, não só nos é aconselhável ouvi-la, como igualmente devemos ter em mente que sua vida e seu pensamento/ativismo não são separáveis. Vemos isso também fortemente em outras filósofas, a exemplo de [Angela Davis](#) e [Lélia Gonzalez](#). Maria Firmina dos Reis está longe de ser uma pensadora acadêmica ou canônica, ao invés disso, forjou um pensamento filosófico por meio da literatura, ao viver na pele e/ou em primeira mão diversas injustiças sociais próprias de seu tempo. Como escreve Duarte,

uma [pensadora] afro-descendente nascida em 1822 na remota província do Maranhão, [...] não teve acesso à educação da escola regular, tampouco foi universitária. Uma mulher pobre e órfã, viveu a maior parte dos seus 95 anos no interior, e encontrava na leitura a ponte para conectar-se aos problemas e predicamentos de sua época, entre eles, a escravidão. Foi autodidata e uma leitora voraz de tudo a que podia acessar enquanto professora de escola primária (Duarte, 2020, pp. 84-5, tradução livre).

Deste ponto de vista, portanto, destaca-se que há uma discussão (ou confronto) entre filosofia e literatura; aqui está o potencial filosófico de Reis. Entre as duas áreas, ressalta-se a pertinência e ambivalência simultânea da complementaridade e diferença entre ambas (Rohden & Pires, 2009). Este é um movimento de embate (Nunes, 2009), assim como de disputa, conforme Sattler (2024). Com isso, convidamos as(os) leitoras(es) para o vislumbre e a análise deste movimento; focando-se na sua dinamicidade, muito mais do que mera exegese estagnada ou asmática. Nesta seara, proponho o seguinte, em termos de reflexão literária/filosófica: ela pode se dar por estas “categorias”: estrutural/textual (Rohden e Pires, 2009); temporal-geográfica; contextual/cultural; temática, com suas respectivas articulações filosóficas por meio da linguística, estética e ético-política. Podemos falar em “filosofia literária” (Rohden e Pires, 2009), em “uma filosofia literariamente engajada”, ou então em “uma literatura autonomamente filosófica” (Sattler, 2020a, 2020b). De fato, pensar sobre a literatura já é de algum modo filosofar; o escrever literário é igualmente poético e filosófico. Enfim, lembremo-nos de uma brilhante filósofa, de que o mais importante dos feminismos é que as mulheres se movimentem. O dinamismo é a chave de compreensão deste texto, a necessária abordagem para compreensão das temáticas trazidas por Reis.

Referências Bibliográficas

Bibliografia citada

- Alós, A. P., & Andreta, B. L. (2016). A literatura abolicionista de Maria Firmina dos Reis: o conto “A escrava”. *Revista Confluenze*, 8 (1), pp. 184-197.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boitempo.
- Duarte, E. de A. (2004). Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira (posfácio). In Reis, M. F. dos. *Úrsula* (pp. 265-281). Florianópolis: Editora Mulheres; PUC Minas.
- Duarte, E. de A. (2018). Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis. *Estudos Linguísticos e Literários*, 59, pp. 223-36.
- Duarte, E. de A. (2020). Maria Firmina dos Reis and the First Afro-Brazilian Novel. In Silva, A. C. S. da, & Vasconcelos, S. G. (Orgs.). *Comparative Perspectives on the Rise of the Brazilian Novel* (pp. 84-106). Londres: UCL Press.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante.

Literafro (2020). *Maria Firmina dos Reis*. Recuperado de: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Machado, M. H. P. T. (2019). Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, 33 (96), pp. 91-108.

Machado, M. H. P. T. (2018). Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI (introdução). In Reis, M. F. Dos, *Úrsula* (pp. 7-42). 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras.

Meurer, I. (2021). Maria Firmina dos Reis and her novel *Úrsula*: contributions to contemporary political philosophy. *Germina Blog*. Recuperado de: <https://germinablog.wordpress.com/2021/05/19/contribuicoes-maria-firmina-dos-reis-filosofia-politica-contemporanea/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Meurer, I. (2022). Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula*: contribuições à filosofia política contemporânea. In Rosa, A. O.; Xavier, V. F. F.; & Castro, S. De (Orgs.), *Mulheres intelectuais de ontem e hoje* (pp. 21-43). Ponta Grossa: Arena.

Meurer, I. (2023). Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula* no contexto da filosofia política brasileira. *Germina Blog*. Recuperado de: <https://germinablog.wordpress.com/2023/07/14/como-podemos-pensar-a-realidade-brasileira-com-as-nossas-filosofas/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Muzart, Z. L. (2013). Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas Vozes*, 2 (2), pp. 247-260.

Nascimento, L. (2017). “Vou contar-te o meu cativo”: Maria Firmina dos Reis e a reedição de *Úrsula* no centenário de sua morte. *Suplemento Pernambuco*, 140, pp. 13-17.

Nunes, B. (2009). Poesia e Filosofia: uma transa. In Rohden, L.; & Pires, C. (Orgs.), *Filosofia e Literatura: uma relação transacional* (pp. 17-36). Ijuí: Unijuí.

Oliveira, A. B. de (2007). Gênero e etnicidade no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *Anais do Seta*, 1, pp. 17-22.

Pinto-Bailey, C. F. (2017). Na contramão: a narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis. In *Literafro*. Recuperado de: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/316-na-contramão-a-narrativa-abolicionista-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Rohden, L., & Pires, C. (Orgs.) (2009). *Filosofia e Literatura: uma relação transacional*. Ijuí: Unijuí.

Sattler, J. (2020a). Uma Filosofia Literariamente Engajada. In Araújo, M.; Bresolin, K.; & Ribeiro, H. J. (Orgs.), *Filosofia e Literatura: para uma sobrevivência da crítica* [recurso eletrônico] (pp. 13-34). Pelotas: NEFPIL Online. Recuperado de: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6588/Filosofia_e_Literatura_para_uma_sobrevivencia_da_critica.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 mar. 2024.

Sattler, J. (2020b). Uma Literatura Autonomamente Filosófica: Autonomia ou Metalinguagem. In Medeiros, E. V. de; Kussler, L. M. (Orgs.), *Imaginando a Vida Examinada* [recurso eletrônico] (pp. 105-119). Pelotas: NEFPIL Online. Recuperado de: https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6587/IMAGINANDO_A_VIDA_EXAMINADA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 mar. 2024.

Sattler, J. (2024). Emaranhado de exclusões: o cânone, o argumento e a disputa - notas para um entendimento. In Pugliese, N.; Secco, G. & Oliveira, B (Orgs.), *Vozes: mulheres na história da filosofia* [recurso eletrônico] (pp. 51-59). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. Recuperado de: <http://www.editora.ufrj.br/DynamicItems/livrosabertos-1/VozesMulheresHistoriaFilosofia.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

Zin, R. B.. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

Obras da autora e traduções

Reis, M. F. dos (1859). *Úrsula*. São Luís: Tipografia do Progresso.

Reis, M. F. dos (1861-2). Gupeva, romance brasiliense. *O Jardim das Maranhenses*.

Reis, M. F. dos (1863). Gupeva, romance brasiliense. *Porto Livre*.

Reis, M. F. dos (1865). Gupeva, romance brasiliense. *Eco da Juventude*.

Reis, M. F. dos (1871). Cantos à beira mar. *Tipografia do País*.

Reis, M. F. dos (1887). A escrava. *Revista Maranhense*, 1 (3).

Reis, M. F. dos (1975 [1859]). Edição fac-símile de Nascimento Morais Filho, com prefácio de H. de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora; São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1975 [1853-1903]). Álbum. In Morais Filho, J. N. (Org.), *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (s. p.). Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1975 [1865]). Gupeva, romance brasiliense. In Morais Filho, J. N. (Org.), *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (s. p.). Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1975 [1871]). Cantos à beira-mar. In Morais Filho, J. N. (Org.), *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (s. p.). Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1975 [1887]). A escrava. In Morais Filho, J. N. (Org.), *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (s. p.). Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1975 [n. d.]). Composições musicais. In Moraes Filho, J. N. (Org.), *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (s. p.). Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1976 [1871]). *Cantos à beira mar*. Edição fac-símile. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Reis, M. F. dos (1988 [1859]). *Úrsula*. Organização, atualização e notas de L. Lobo, introdução de C. Martin. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: Instituto Nacional do Livro.

Reis, M. F. dos (2004 [1859]). *Úrsula*. Atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2004 [1887]). A escrava. In *Úrsula*. Atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2009 [1859]). *Úrsula*. Edição comemorativa dos 150 anos da 1ª edição, atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2009 [1887]). A escrava. In *Úrsula*. Edição comemorativa dos 150 anos da 1ª edição, atualização do texto e posfácio de E. de A. Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2009 [1859]). A escrava. In Ruffato, L. (Org.), *Questão de pele: contos sobre preconceito racial* (pp. 39-57). Coleção língua franca. Rio de Janeiro: Língua Geral.

Reis, M. F. dos (2017 [1859]). *Úrsula*. Edição alusiva ao centenário de morte da autora, atualização do texto, contextualização histórica e posfácio de E. de A. Duarte. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2017 [1859]). A escrava. In *Úrsula*. Edição alusiva ao centenário de morte da autora, atualização do texto, contextualização histórica e posfácio de E. de A. Duarte. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2017 [1859]). *Úrsula*. 2ª edição maranhense. São Luís: Edições da Academia Maranhense de Letras.

Reis, M. F. dos (2017 [1859]). *Úrsula*. In Furtado, L. M. (Org.), *Memorial de Maria Firmina dos Reis* (pp. 107-273). Livro 1. São Paulo: Editora Uirapuru.

Reis, M. F. dos (2017 [1862]). Gupeva. In Furtado, L. M. (Org.), *Memorial de Maria Firmina dos Reis* (s. p.). Livro 1. São Paulo: Editora Uirapuru.

Reis, M. F. dos (2017 [1887]). A escrava. In Furtado, L. M. (Org.), *Memorial de Maria Firmina dos Reis* (s. p.). Livro 1. São Paulo: Editora Uirapuru.

Reis, M. F. dos (2017). *Cantos à beira-mar e Gupeva*. Textos organizados por D. A. Adler e O. Gomes. São Luís: Academia Ludovicense de Letras.

Reis, M. F. dos (2018 [1859]). *Úrsula*. Atualização do texto, contextualização histórica e posfácio de E. de A. Duarte. Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2018 [1887]). A escrava. In *Úrsula*. Atualização do texto, contextualização histórica e posfácio de E. de A. Duarte. Belo Horizonte: PUC Minas.

Reis, M. F. dos (2018 [1859]). *Úrsula*. Prefácio de R. B. Zin, posfácio de A. F. Magalhães, ilustrações de G. Pires. Porto Alegre: Editora Taverna.

Reis, M. F. dos (2018 [1859]). *Úrsula*. Prefácio de R. B. Zin. Porto Alegre: Editora Zouk.

Reis, M. F. dos (2018). *Úrsula e outras obras* [E-book]. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara. Recuperado de: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35999>.

Reis, M. F. dos (2018). *Úrsula*. Edição comentada por R. F. Cardoso. Coleção Clássicos Comentados. Porto Alegre: Editora Leitura XXI.

Reis, M. F. dos (2018). *Úrsula* [Versão digital ePub]. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem.

Reis, M. F. dos (2018). *Úrsula* [E-book versão online]. 2ª edição. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, Recuperado de: <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>.

Reis, M. F. dos (2018 [1859]). *Úrsula*. Estabelecimento de texto e introdução de M. H. P. T. Machado, cronologia de F. dos S. Gomes. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras.

Reis, M. F. dos (2018 [1859]). *Úrsula*. Porto Alegre: Editora Pradense.

Reis, M. F. dos (2019 [1859]). *Úrsula*. In *Memorial de Maria Firmina dos Reis*, vol. 1. Tucuruvi: Editora Uirapuru.

Reis, M. F. dos (2020 [1887]). *A Escrava*. [Versão digital Kindle]. Niterói: Editora Itapuca.

Reis, M. F. dos (2020 [1859]). *Úrsula*. São Paulo: Editora Fora do Ar.

Reis, M. F. dos (2020 [1887]). *The slave woman*. Tradução para o inglês do conto A Escrava, de Cristina Ferreira Pinto-Bailey. Recuperado de: <https://mariafirmina.org.br/categoria/revista-firminas/secoes/traducoes/>. Acesso em: 8 mai. 2023.

Reis, M. F. dos (2021 [1859]). *Úrsula*. Rio de Janeiro: Editora Antofágica.

Reis, M. F. dos (2021). *A Escrava*. Editado por Bárbara Reis. [S. l.]: Galuba Editorial.

Reis, M. F. dos (2021). *A Escrava: antologia de prosa e versos*. Compilado por Rodrigo Jorge Ribeiro Neves. São Paulo: Editora Hedra.

Reis, M. F. dos (2022 [1859]). *Ursula*. Tradução para o inglês de Cristina Ferreira Pinto-Bailey. Série Brazilian Literature in Translation. North Darmouth, EUA: Tagus Press.

Reis, M. F. dos (2022 [1859]). *Úrsula*. Versão com ilustrações de Heloisa Hariadne e apresentação de Preta Ferreira, e posfácios de Fernanda Miranda e Régia Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Editora Antofágica.

Literatura secundária

Abreu, J. A. C D. de (2013). *O abolicionismo na prosa brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis* (Tese de doutorado). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Adler, D. A. (2014). *Elogio à patrona Maria Firmina dos Reis: ontem uma maranhense; hoje, uma missão de amor!* São Luís: Academia Ludovicense de Letras.

Adler, D. A. (2017). *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras.

Alves, R. C. (2019). *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia González, Djamila Ribeiro e Marielle Franco* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7577095. Acesso em: 30 mar. 2023.

Andreta, B. L. (2016). *Visões da escravatura na América Latina: “Sab” e “Úrsula”* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4623456. Acesso em: 30 mar. 2023.

Arraes, J. (2017). Maria Firmina. In Arraes, J. (Org.), *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (pp. 107-113). São Paulo: Pólen Livros.

Batigniani, R. de F. (2016). *Caminhos entrecruzados: história, escravidão e literatura em “Úrsula” (1859) e “As vítimas algozes: quadros da escravidão” (1869)* (Dissertação de mestrado, Mestrado em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4141693. Acesso em: 30 mar. 2023.

Bastos, L. M. de P. C. (2020). *A narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade* (Tese de Doutorado, Doutorado em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9894904. Acesso em 5 abr. 2023.

Calado, K. de A. (2019). *Vozes da dissonância no Atlântico negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da memória* (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7655703. Acesso em: 5 abr. 2023.

Cardoso, M. L. F. (2020). *Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: romance fundacional da literatura afro-brasileira* (Dissertação de mestrado, Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9424540. Acesso em: 5 abr. 2023.

Carmo, R. di (2022). *As faces de Maria Firmina dos Reis: diálogos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bambual Editora.

Carvalho, J. C. B. de (2018). *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e o antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7577769. Acesso em: 30 mar. 2023.

Carvalho, V. S. de (2013). *A efigie escrava: a construção de identidades negras no romance “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=926719. Acesso em: 30 mar. 2023.

Correia, J. dos S. (2013). *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil* (Dissertação de mestrado). Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Cunha, M. de L. da C. (2004). *Os destinos trágicos da figura feminina no romantismo brasileiro* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Cunha, M. de L. da C. (2005). *Romantismo brasileiro: amor e morte (um estudo sobre José de Alencar e Maria Firmina dos Reis)*. São Paulo: Factash Editora.

Dalcol, M. S. (2020). *A condição da mulher negra na literatura brasileira em Úrsula, Casa de Alvenaria e Um Defeito de Cor* (Tese de doutorado, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9796016. Acesso em: 5 abr. 2023.

Diogo, L. M. (2016). *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras “Úrsula” e “A escrava” de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Estudos Brasileiros, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3782907. Acesso em: 30 mar. 2023.

Diogo, L. (2022). *Maria Firmina dos Reis: vida literária*. Rio de Janeiro: Editora Malê.

Duarte, C. L. (2005). Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: *Úrsula*. *Revista de Estudos Feministas*, 13 (2), pp. 443-444.

Duarte, C. L., Tolentino, L., Barbosa, M. L., & Coelho, M. do S. V. (2018). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Editora Malê.

Duarte, E. de A. (2009). Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira (posfácio). In Reis, M. F. dos, *Úrsula (romance); A escrava (conto)* (pp. 263-279). Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

Faedrich, A., & Zin, R. B. (Orgs.) (2022). *A mente ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea*. 2 vols. São Paulo: Alameda Editorial.

Faustino, L. A. (2022). *Úrsula caminha entre nós: Maria Firmina dos Reis e a literatura romântica como perspectiva antirracista para a história do Brasil* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

Feitosa Filho, C. B. (2020). *Firmine-se: uma proposta de mediação de leitura e análise do romance Úrsula (1859) de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso Sul, Dourados.

Figueiredo, D. de L. S. (2022). *Uma artista negra do século XIX: o literário e o musical em Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11840515. Acesso em: 5 abr. 2023.

Francisco, C. C. (2010). *Mãe Susana, Mãe África: a invenção da diáspora negra em “Úrsula” (1859) de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado). Université de Provence Aix Marseille I, Aix Marseille.

Francisco, C. C. (2012). *Le portrait en contraste: l’imaginaire dans les représentations iconographiques et littéraires de la femme noire au Brésil (XIXe)* (Dissertação de mestrado). Université de Provence Aix Marseille I, Aix Marseille.

Freitas, D. C. de (2021). *O tema e o problema: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1989-2019)* (Dissertação de mestrado, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia). Recuperado de:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10985495. Acesso em: 5 abr. 2023.

Gomes, A. (2022). *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: Academia Maranhense de Letras.

Job, S. M. (2011). *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras* (Tese de doutorado). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Lobo, L. (1993). Autorretrato de uma pioneira abolicionista. In Lobo, L. (Org.), *Crítica sem juízo* (pp. 222-238). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Lobo, L. (2006). Maria Firmina dos Reis (1825-1917). In Lobo, L. (Org.), *Guia de escritoras da literatura brasileira* (pp. 193-196). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Lobo, L. (2011). Maria Firmina dos Reis. In Duarte, E. de A. (Org.), *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (pp. 111-126). Vol. 1: Precursores. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Lopes, E. (2021). *Mulheres negras no ensino de história do Brasil: a história de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11308806. Acesso em: 5 abr. 2023.

Macedo, A. do N. (2022). *Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: os sentidos de escravismo atravessados pela literatura e pelas problemáticas de raça e gênero* (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11881273. Acesso em: 5 abr. 2023.

Martin, C. (1988). Uma rara visão de liberdade (prefácio). In Reis, M. F. dos, *Úrsula* (pp. 9-14). 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Presença; Brasília: Instituto Nacional do Livro.

Mendes, A. de M. (2006). *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX* (Tese de doutorado). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Mendes, A. de M. (2011). Maria Firmina dos Reis: uma voz na história da literatura afro-brasileira do século XIX. In Ferreira, E., & Mendes, A. de M. (Orgs.), *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades* (pp. 23-39). São Paulo: Quilombhoje.

Mendes, A. de M. (2016). *A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revistando o cânone*. Lisboa: Chiado Editora.

Mendes, M. R. T. (2013). *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*

(Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

Meneses, F. P. da S. (2017). *As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Departamento de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5643003. Acesso em: 30 mar. 2023.

Meurer, I. (2021). Maria Firmina dos Reis and her novel Úrsula: contributions to contemporary political philosophy. *Germina Blog*. Recuperado de: <https://germinablog.wordpress.com/2021/05/19/contribuicoes-maria-firmina-dos-reis-filosofia-politica-contemporanea/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Meurer, I. (2022). Maria Firmina dos Reis e seu romance Úrsula: contribuições à filosofia política contemporânea. In Rosa, A. O, Xavier, V. F. F., & Castro, S. de (Orgs.), *Mulheres intelectuais de ontem e hoje* (pp. 16-28). Ponta Grossa: Arena.

Meurer, I. (2023). Maria Firmina dos Reis e seu romance Úrsula no contexto da filosofia política brasileira. *Germina Blog*. Recuperado de: <https://germinablog.wordpress.com/2023/07/14/como-podemos-pensar-a-realidade-brasileira-com-as-nossas-filosofas/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Miranda, F. R. de (2019). *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada* (Tese de doutorado, Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8017004. Acesso em: 30 mar. 2023.

Montello, Josué (1976). La primera novelista brasileña. *Revista Cultura Brasileña*, 41, s. p.

Morais, T. C. de (2022). *Abolicionismo e solidariedade: uma perspectiva comparada entre Úrsula de Maria Firmina dos Reis e A Cabana do Pai Tomás de Harriet B. Stowe* (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11944497. Acesso em: 5 abr. 2023.

Morais Filho, J. N. (1975). *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão.

Muzart, Z. L. (2013). Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas vozes*, 2 (2), pp. 247-260.

Nascimento, J. C. (2009). *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nascimento, J. C. do (2009). *O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis*. Rio de Janeiro: Caetés.

Palmeira, F. S. (2010). *Vozes femininas nos Cadernos Negros: representação de insurgência* (Dissertação de mestrado). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Pereira, T. R. F. (2020). *O pensamento político de Maria Firmina dos Reis: a intelectual maranhense por trás das convenções sociais e políticas do Brasil oitocentista* (Dissertação de mestrado). Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Oliveira, A. B. de (2007). *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Oliveira, C. M. C. (2001). *A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Oliveira, P. V. de (2021). *Maria Firmina dos Reis e a interrogação ao cânone com o romance Úrsula* (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10947934. Acesso em: 5 abr. 2023.

Passos, J. C. dos (2020). *Maria Firmina dos Reis: as vozes que emergem do contexto de leitura da obra Úrsula* (Dissertação de mestrado). Programa de Mestrado e Doutorado em Teoria Literária, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba.

Ribeiro, S. F. (2022). *Por uma literatura afro-brasileira: memória, subjetividade, afetividade e maternidade na obra de Maria Firmina dos Reis* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

Rio, A. C. C. (2015). *Autoria, devir e interdição: os “entre-lugares” do sujeito no romance “Úrsula”* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Estudos da Linguagem, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Catalão). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2366468. Acesso em: 30 mar. 2023.

Rio, A. C. C. (2020). *Poder, resistência e verdade nos romances abolicionista Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães* (Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10073595. Acesso em: 5 abr. 2023.

Rocha, P. de F. (2008). *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis e “Ponciá Vivêncio” de Conceição Evaristo* (Dissertação de mestrado). Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba.

Rodrigues, R. G. (2018). *Romance de autoria feminina: “o ser mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7319138. Acesso em: 30 mar. 2023.

Santos, C. S. dos (2016). *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3638107. Acesso em: 30 mar. 2023.

Santos, K. S. (2015). *Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance “Úrsula”* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Cultura e Sociedade, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3180136. Acesso em: 30 mar. 2023.

Santos, T. R. P dos (2016). *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “uma maranhense”* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3673600. Acesso em: 30 mar. 2023.

Silva, G. F. da (2017). *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na Literatura Brasileira dos oitocentos* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5027780. Acesso em: 30 mar. 2023.

Silva, J. F. da (2020). *Nas trilhas literárias de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem & Identidade, Universidade Federal do Acre, Rio Branco). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9341455. Acesso em: 5 abr. 2023.

Silva, J. L. (2018). *A narrativa de Maria Firmina dos Reis e a perspectiva hermenêutica para a prática dos estudos literários* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Departamento de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5548000. Acesso em: 30 mar. 2023.

Silva, M. A. A. da (2021). *Mulheres, raça e literatura: as representações femininas presentes no romance Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de Mestrado, Mestrado em História, Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Recuperado de:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11151351. Acesso em: 5 abr. 2023.

Silva, M. G. P. da (2022). *Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: memória e contraponto aos retratos da escravidão no Brasil* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Tocantins, Palmas.

Silva, R. A. da (2013). *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX* (Tese de doutorado, Doutorado em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=871462#. Acesso em: 30 mar. 2023.

Simões, B. (2019). *Firmina*. Rio de Janeiro: Editora Malê.

Sousa, L. da S. (2021). *As mulheres do século XIX pelas narrativas de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de Mestrado). Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Souza, D. P. de, & Cararo, A. (2017). *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte.

Souza, N. L. de (2020). *Uma senhora maranhense que cultiva as Belas Letras: Maria Firmina dos Reis e sua trajetória na imprensa (1860-1911)* (Dissertação de mestrado). Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Souza, V. F. de (2014). *Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras e Ciências Humanas, Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1925985. Acesso em: 30 mar. 2023.

Telles, N. A. (1987). *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX* (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Telles, N. (1989). Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, 120, pp. 73-83).

Telles, N. (1997). Escritoras, escritas, escrituras. In Priore, M. del (Org.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 401-442). São Paulo: Contexto.

Telles, N. (2012). *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil do século XIX*. São Paulo: Editora Intermeios.

Troina, R. J. (2021). *Marcas da desconstrução das concepções hegemônicas da condição de gênero e etnia no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis* (Dissertação de mestrado, Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10984130. Acesso em: 5 abr. 2023.

Vaz, L. G. D., & Adler, D. A. (Orgs.) (2015). *Sobre Maria Firmina dos Reis*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras.

Veríssimo, T. H. (2019). *Maria Firmina dos Reis: a escrita de uma mulher no Brasil oitocentista* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Letras, Centro de Educação e Humanidades/Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12798047. Acesso em: 30 mar. 2023.

Vrbata, S. A. P. (2018). *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Estudos Literários, Departamento de Letras e Artes, Literatura Linguística e Outros, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7422839. Acesso em: 30 mar. 2023.

Zin, R. B. (2016). *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista* (Dissertação de mestrado, Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4415512. Acesso em: 30 mar. 2023.

Outros materiais

- Amor, de Cantos à beira-mar, musicado por Socorro Lira. Canal do YouTube de Socorro Lira.
- Maria Firmina dos Reis, por Ana Míriam Wuensch. RBMF e Extending New Narratives. Canal Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.
- Podcasts, biobibliografia e artigo sobre Maria Firmina dos Reis, pelo Projeto Uma Filósofa Por Mês da UFSC. Recuperado de: <https://germinablog.wordpress.com/novembro-maria-firmina-dos-reis-2/>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- Maria Firmina dos Reis, intérprete do Brasil, com Régia Agostinho da Silva, Victória F. F. Xavier, Rafael Balseiro Zin, Rosane Troina e Janyne Sattler, pelo Projeto Uma Filósofa Por Mês. Recuperado de: <https://open.spotify.com/episode/7LrTG49HQBmoBHiHagjG2o?si=5febf60740e84e23>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- Comunicações sobre Maria Firmina dos Reis no Canal Cultive, organizado pela Prof^a. Adler.
- Memorial de Maria Firmina dos Reis. Recuperado de: <https://mariafirmina.org.br/categoria/revista-firminas/secoes/traducoes/>. Acesso em: 8 mai. 2023.